

VOCÊ NÃO ESTAVA AQUI E O BOM PATRÃO:

OLHARES DO CINEMA EUROPEU PARA REFLETIR SOBRE AS LÓGICAS DO MUNDO DO TRABALHO¹

MARCOS HILLER²

RESUMO O presente estudo empreende uma análise das produções cinematográficas *Você não estava aqui* (2020), de Ken Loach, e *O bom patrão* (2021), de Fernando León de Aranoa, à luz das perspectivas teóricas do capitalismo de plataforma e da sociologia do trabalho. Ambos os filmes oferecem uma abordagem crítica das intrincadas dinâmicas contemporâneas do universo laboral, explorando temáticas como a precarização do trabalho, a desregulamentação dos direitos trabalhistas e o fenômeno do trabalho emocional. Loach evidencia a ilusão de liberdade promovida pelo capitalismo de plataforma, ao expor as formas de exploração tecnológica presentes nesse contexto. Por sua vez, a obra de Aranoa denuncia o cinismo subjacente às práticas de liderança empresarial, criticando a instrumentalização das emoções no ambiente de trabalho. Ao fundamentar-nos em teorias desenvolvidas por autores como Antunes, Hochschild e Illouz, os filmes em questão emergem como instrumentos de reflexão que evidenciam as profundas transformações que permeiam não apenas as condições materiais do trabalho, mas também a saúde emocional e a subjetividade dos indivíduos inseridos nesse contexto. Em última instância, essas produções fomentam uma reflexão acerca dos impactos da lógica de exploração inerente à configuração contemporânea do sistema capitalista, instigando à necessidade premente de reavaliar as estruturas laborais em prol de uma abordagem mais humanizada e equitativa.

PALAVRAS-CHAVE Comunicação; cinema; sociologia do trabalho; racionalidade neoliberal; plataformização do capitalismo.

ABSTRACT The present study undertakes an analysis of the films *Sorry We Missed You* (2020) by Ken Loach and *The Good Boss* (2021) by Fernando León de Aranoa in light of theoretical perspectives on platform capitalism and the sociology of work. Both films offer a critical approach to the intricate contemporary dynamics of the labor universe, exploring themes such as job precariousness, deregulation of labor rights, and the phenomenon of emotional labor. Loach highlights the illusion of freedom promoted by platform capitalism by exposing the forms of technological exploitation present in this context. In turn, Aranoa's work denounces the cynicism underlying corporate leadership practices, criticizing the instrumentalization of emotions in the workplace. Grounded in theories developed by authors such as Antunes, Hochschild, and Illouz, the films in question emerge as instruments of reflection that highlight the profound transformations that permeate not only the material conditions of work but also the emotional health and subjectivity of individuals within this context. Ultimately, these productions foster a reflection on the impacts of the exploitative logic inherent in the contemporary configuration of the capitalist system, urging the pressing need to reevaluate labor structures in favor of a more humane and equitable approach.

KEYWORDS Communication; cinema; sociology of work; neoliberal rationality; platformization of capitalism.

¹ Esta é uma nova versão de artigo publicado em anais do ABCIBER | SIMPÓSIOS E ENCONTROS, ABCIBER XVI - SIMPÓSIO NACIONAL DA ABCIBER 2023.

² Doutorando e Mestre em Comunicação e Práticas do Consumo pela ESPM. Professor Convidado da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM SP).

PARA COMEÇAR

Identificado popularmente como a “sétima arte”, o cinema, assim como outras formas de expressão artística, assume a significativa responsabilidade de funcionar como um indicador sensível das correntes sociais e culturais predominantes. Nesse contexto, partimos do pressuposto de que um cineasta, junto com sua equipe de roteiristas, produtores e uma gama de profissionais técnicos envolvidos na produção audiovisual, detém a capacidade de apresentar, por meio de uma narrativa cinematográfica, análises críticas em relação às complexidades do mundo contemporâneo. Essa capacidade é especialmente potente devido à natureza intrínseca do meio fílmico, que permite uma abordagem sensível e aprofundada, possibilitando ao espectador compreender nuances específicas dos fenômenos que caracterizam o atual panorama global.

Nesse sentido, o presente artigo recorre a duas recentes e aclamadas produções cinematográficas que versam sobre específicas filigranas do mundo do trabalho contemporâneo. Primeiro, iremos nos servir da produção inglesa *Você não estava aqui* (2020) do diretor britânico Ken Loach. Depois iremos convocar nuances de outro filme, ainda mais recente, intitulado *O bom patrão* (2022) do diretor Fernando León de Aranoa.

Refletindo de maneira crítica acerca desses filmes, objetiva-se revisitar o debate teórico contemporâneo sobre o mundo do trabalho, mais precisamente se servir de teóricos do capitalismo de plataforma e da sociologia do trabalho para uma melhor compreensão sobre o fenômeno da precarização de trabalhadores e do chamado trabalho emocional, conceitos que iremos problematizar ao longo desta análise. De um modo ainda mais específico, nos interessa pensar sobre os efeitos das atuais formas de gestão do trabalho no que diz respeito a como as subjetividades dos indivíduos são afetadas. A partir do momento que há uma privação de direitos trabalhistas, podemos dizer que temos hoje novos modos de trabalho que são predatórios? O que sobra para trabalhadores em termos de capacidade de agência sobre modernos modos de sustento? Quais emoções estão sendo afetadas efetivamente? São questões seminais para compreender com clareza os impactos do sistema capitalista no mundo do trabalho atual e que merecerão nosso olhar no presente artigo.

Para isso, buscaremos aglutinar importantes contribuições teóricas advindas do Antunes (2022), Abilio (2022), Figaro (2022), Braverman (1974), Hochschild (1975), Illouz (2009), Knights (1990) e Huws (2019). Dada essa introdução, iniciaremos nossa problematização sobre aspectos que nos saltaram aos olhos em relação a cada um dos dois filmes, sempre à luz das perspectivas teóricas supracitadas. Por fim, encerraremos com considerações, conclusões e as referências bibliográficas que convocamos.

VOCÊ NÃO ESTAVA AQUI: A FALSA ILUSÃO DA LIBERDADE À LUZ DA PLATAFORMIZAÇÃO

Ken Loach é reconhecido como um diretor britânico de destaque cujas produções são profundamente enraizadas no contexto do Reino Unido, berço do movimento trabalhista e das lutas por direitos dos trabalhadores. Sua obra cinematográfica é marcada por um compromisso evidente com questões sociais e políticas, destacando-se especialmente por sua representação vívida do mundo do trabalho e das batalhas enfrentadas pela classe trabalhadora. Loach defende a ideia de que o cinema desempenha um papel crucial ao documentar as lutas dos trabalhadores e ao promover a solidariedade, utilizando a narrativa cinematográfica como uma ferramenta para amplificar as vozes das pessoas marginalizadas e oprimidas pela sociedade. Seu trabalho reflete uma clara intenção de utilizar o meio cinematográfico como uma força motriz para a mudança social.

Em *Você não estava aqui* (2020), a partir de um recorte do que acontece em uma específica família britânica, o filme descreve a exaustiva rotina de um pai de família entregador autônomo de mercadorias em modalidade *delivery*. Ao seu lado, uma esposa que trabalha como cuidadora de idosos, além de dois filhos adolescentes que vivem em um núcleo familiar lastreados, sob a lógica de um empreendedorismo neoliberal. A obra, assim, lança luz sobre o caos que pode se transformar a rotina da vida moderna de um certo grupo de trabalhadores que tiveram esforços, tempos e movimentos dominados por lógicas algorítmicas e tecnológicas.

O desenrolar da trama cinematográfica progressivamente expõe ao espectador a inconsistência subjacente ao discurso proferido pelo empregador do protagonista, Ricky, que se manifesta em expressões como “Você não trabalha para nós, você trabalha conosco”. Através de uma narrativa complexa, o diretor nos incita a desvelar as múltiplas camadas dessa estratégia discursiva e ideológica advogada pela empresa em questão. Torna-se patente como o capitalismo contemporâneo, em particular o paradigma do capitalismo de plataforma, arduamente dissemina a concepção de que o trabalhador deve encarnar o papel de um empreendedor incansável, quando, na verdade, resulta em uma sociedade cujos membros mal conseguem conciliar suas obrigações laborais com os cuidados e responsabilidades inerentes à criação de seus filhos. Discursos como o do profissional “empreendedor”, do *coaching* e tantos outros modismos revestem astutamente ou obscurecem o problema central: a desregulamentação dos direitos trabalhistas, a precarização das condições de trabalho e o desemprego (Figaro, 2022).

O advento das plataformas digitais de comércio, exemplificado de forma evidente pela Amazon, tem desencadeado transformações significativas em diversos setores econômicos, incluindo o mercado de trabalho. No escopo

deste artigo, estamos interessados nos fenômenos comunicacionais mediados por essas plataformas, as quais desempenham um papel crucial na configuração do tecido social entre certos grupos de indivíduos. Em vez de nos determos exclusivamente nos aspectos técnicos das plataformas de mídia, nosso objetivo é compreender como essas plataformas de trabalho influenciam os fenômenos comunicacionais e as interações interpessoais.

Nesse contexto, a obra de Ken Loach destaca novas dinâmicas na organização do mundo laboral, suscitando preocupações relevantes sobre a crescente precarização do trabalho, caracterizada por uma série de condições desfavoráveis para os trabalhadores, como a falta de segurança laboral, remuneração inadequada, jornadas exaustivas e ausência de proteção social. No caso retratado no filme, essas condições são exacerbadas pela natureza operacional da plataforma, embora sejam habilmente mitigadas por estratégias comunicacionais e organizacionais adotadas pela empresa dentro da trama.

Essencial trazer à baila o conceito de que plataformas são infraestruturas digitais estruturadas por dados, organizadas por algoritmos e governadas por relações de propriedade, com normas e valores inscritos em seus desenhos (Van Dijck; Poell; De Waal, 2018; Srnicek, 2016). Casilli (2020) fez uma grande pesquisa para mostrar como nessa plataformização do capitalismo e, sobretudo, em uma lógica incessante dos cliques, o trabalhador fornece sua cognição e sua forma de trabalho está baseada nos sentidos, da visão, da percepção, da capacidade de leitura e escrita, ensinando o algoritmo e ferramentas de inteligência artificial. Vale comentar que a retórica do capitalismo é tão astuta e cuidadosa que deposita nas ferramentas de *machine learning* e nas lógicas algorítmicas um discurso de que são coisas independentes, isentas, retirando, dessa forma, do humano algum tipo de ônus da responsabilidade, mas sabe-se que todas essas ferramentas sociotécnicas dependem de uma programação humana e voluntária, além de um constante abastecimento de dados e de gestão em diferentes locais do mundo.

Essa chamada “ideologia do Vale do Silício”, bem mapeada por Casilli (2020), mostra que se cria um jeito de trabalhar muito criativo, diferente, inovador e disruptivo (para se apropriar de um termo gasto no mercado corporativo), mas o que vemos é uma lógica de exploração desse novo capitalismo de plataforma, onde predomina um trabalho rotineiro, fragmentado, isolado, e sobretudo, altamente precarizado. “Cuidadosamente formuladas, as condições gerais de uso dos aplicativos e sites caracterizam esses serviços como intermediários e os trabalhadores como vendedores, fornecedores e até empreendedores independentes. O trabalho, resume Prassl (2018, p. 4) é “rebatizado empreendedorismo e a mão de obra é vendida como solução tecnológica” (Casilli; Posada, 2019, p. 17). O que se vê é que, por trás da interface intuitiva e convidativa, associada a uma lógica de gamificação e de

facilidade de acesso, do *app* extremamente moderno, delinea-se nas entrelinhas o desejo das plataformas de governarem e controlarem seus usuários (Casilli; Posada, 2019, p. 18). Como afirmam Graham e Anwar (2019), as plataformas implantam um mercado de trabalho que tem possibilidade de operar em escala planetária e ajudam empresas a “operar de forma ilimitada e permitem que reconfigurem e geografia de suas redes de produção por um custo quase zero” (p. 113).

No longa de Loach, as empresas monitoram, por meio de um dispositivo, cada segundo do trajeto de Ricky, que tem direito a paradas de apenas dois minutos. Nota-se como o capitalismo de plataforma se apropria cada vez mais da nossa capacidade de comunicação, de interação com os outros por meio de dados, que podem ser nossos corpos, olhares, gestos, gostos e nossas próprias subjetividades, como bem preconiza Figaro (2022). Interessante examinar como *Você não estava aqui* não menciona nominal e explicitamente nenhuma empresa específica de comércio digital, mas fica no ar uma denúncia contra a maior do mundo hoje, a Amazon. Na ocasião, o filme questiona um modelo de negócio empresarial moderno que é essencialmente baseado na entrega de mercadorias na porta da clientela online, onde “no auge da era digital, presenciamos a ampliação ilimitada [...] de formas pretéritas de extração e sucção do excedente de trabalho que recordam a exploração e espoliação daquela fase primeva do capitalismo” (Antunes, 2022, p. 51) e, sobretudo, como esse cenário prejudica as relações em comunidade e afeta o meio ambiente. Importante verificar a sagaz capacidade que o capitalismo possui em ocultar mazelas do social e privilegiar a extrema “individualização, invisibilização e prática de jornadas extenuantes, tudo isso sob impulsão e comando dos algoritmos, programados para controlar e intensificar rigorosamente os tempos, ritmos e movimentos da força de trabalho” (Antunes, 2022, p. 49).

A concepção do trabalhador como sempre disponível representa uma estratégia de subordinação e gestão laboral que se baseia inteiramente na exploração de um trabalhador desprotegido. Essa ausência de proteção transcende a mera ausência de direitos formais ou a formalização da jornada de trabalho. Trata-se de uma condição de trabalho desprotegida legalmente, na qual o trabalhador é transformado em um gestor autônomo de si mesmo, desprovido de quaisquer garantias associadas às leis trabalhistas. Embora haja avanços significativos na legislação europeia, em especial na Inglaterra, onde a regulação é abrangente, para proteger os trabalhadores de plataformas digitais, a trama delineada por Loach não aborda essa dimensão em sua narrativa cênica. Há a sugestão de que é viável constituir uma multidão de trabalhadores disponíveis de modo permanente, que podem ser recrutados por meio dos avanços tecnológicos contemporâneos. Então, eles são recrutados na exata medida das demandas das empresas ou do capital, se quisermos falar de uma forma mais genérica. Esse conceito de *just-in-time* levado ao

limite pelo filme descortina as definições sobre o que é ou não tempo ou local de trabalho. Desse modo, a uberização envolve basicamente a consolidação do trabalhador *just-in-time*, sem garantias sobre a própria remuneração nem carga horária (Abilio, 2022, p. 129).

Problematizar essa faceta do mundo do trabalho e, sobretudo, à luz de pensadores da sociologia que se debruçam sobre as lógicas laborais, nos incita a convocar ainda mais aportes teóricos profícuos. Aproximarmos-nos da provocativa trama de *Você não está aqui* requer que convoquemos as contribuições de Braverman (1974) e Knights (1990), quando afirmaram que o capitalismo avança revolucionando continuamente as forças de produção, que incluem o desenvolvimento da força produtiva do trabalho. Os autores alertam que o que deve ser questionado é a visão de que a subjetividade é uma propriedade opcional da pessoa capaz de ser possuída ou despossuída, desenvolvida ou não desenvolvida. Em outras palavras, postulam uma estrutura ou força determinante contra cujos poderes o sujeito luta para manter sua própria autonomia. Os sujeitos são tanto constituídos quanto constituintes e estruturas são meros resultados institucionalizados das práticas de sujeitos históricos e contemporâneos.

Burawoy (1979), por outro lado, preocupa-se em apresentar como o capitalismo conseguiu continua e argumentamente assegurar seus volumes crescentes de mais-valia e, ao mesmo tempo, ocultar o seu caráter exploratório de controle sobre o processo de trabalho. Sua tese orbita em torno de uma conta que fornece evidências empíricas sólidas para contradizer Braverman (1974) – ou a teoria do homem e sua intensificação no trabalho, resultante do aumento do controle de gestão e a separação entre concepção e execução. Burawoy (1979, p. 72) descobre que o que é realmente eficaz é obscurecer a produção de mais-valia, é uma “expansão da área da ‘auto-organização’ dos trabalhadores à medida que perseguem suas atividades diárias”. Ao formular essa tese, Burawoy está se referindo ao relaxamento do controle de gestão (1979, p.176), dentro do contexto da evolução de uma elaborada estrutura de chão de fábrica. No período em que essa teoria foi elaborada, o autor não tinha conhecimento nem indicava pistas sobre as novas modalidades de trabalho que são evidenciadas atualmente, como exemplificado de maneira notável na obra aclamada de Loach. No entanto, mesmo naquela época, ele delineava conceitos fundamentais e basilares que, de certa forma, possuem características atemporais e podem ser aplicados para caracterizar as formas contemporâneas de trabalho em plataformas digitais.

Importante verificar a capacidade que o capitalismo possui de ofuscar ou ocultar mazelas do social e privilegiar “a individualização, invisibilização e prática de jornadas extenuantes, tudo isso sob impulsão e comando dos algoritmos, programados para controlar e intensificar rigorosamente os tempos, ritmos e movimentos da força

de trabalho” (Antunes, 2022, p. 49). Baseado na noção que “o espírito capitalista desconfia de quem não seja ambicioso” (Bucci, 2021, p. 80), chega-se ao colapso emocional de um núcleo familiar que foi ficcionalmente bem retratado em um filme do diretor britânico Ken Loach e que imprimiu um olhar de forma atenta sobre as emoções que estariam sendo mobilizadas nesse tipo de trabalhador que se serve do aplicativo como forma de geração de renda. Para tanto, recorreremos mais uma vez à noção de trabalho a partir da perspectiva de Huws (2019), quando disse que o trabalho se trata de uma atividade pela qual os seres humanos cuidam de si mesmos e dos outros. A narrativa de Loach desafia a proposição da pensadora marxista britânica ao sugerir que os novos paradigmas de trabalho introduzem uma retórica sedutora de suposta liberdade e flexibilidade, amplamente difundida pelas empresas proprietárias das plataformas de trabalho. Esta retórica promete a possibilidade de trabalhar de forma independente e no momento desejado. No entanto, Loach argumenta que essa suposta liberdade oculta, na realidade, é um vilipêndio ou um sistema de controle e espoliação dos trabalhadores.

O BOM PATRÃO: O CINISMO DA LIDERANÇA MODERNA SOB À ÉGIDE DO CAPITALISMO

Assim como Ken Loach, não é de hoje que o Fernando León de Aranoa incide seu olhar crítico sobre o mundo do trabalho. Para apenas citar um de seus mais premiados filmes, considerado pela crítica como uma obra-prima do realismo social, *Segunda-Feira ao Sol (Los lunes al sol* – no original, uma obra de 2002), nele o diretor examinou a cena laboral em um filme essencialmente dramático. Na obra que já carrega mais de 20 anos de existência, o enredo apresenta a história de um grupo de trabalhadores desempregados de uma cidade portuária no norte da Espanha que lutam para sobreviver e encontrar um propósito após perderem seus empregos em uma indústria naval em crise.

Na estreia de Javier Bardem como protagonista sob a direção de Aranoa, o filme traz à tona a jornada de Santa, um indivíduo desempregado imerso na angústia e na desesperança compartilhadas por aqueles que enfrentam as agruras do desemprego e a exaustão emocional resultante da perda de seus meios de subsistência. Em uma cena emblemática e profundamente marcante, o personagem, confrontando o preconceito etário enquanto busca reinserção no mercado de trabalho, opta por tingir os cabelos na esperança de projetar uma imagem mais juvenil. Entretanto, em um momento de desilusão aguda, a tinta negra, há pouco tempo aplicada e mal fixada, escorre pelo seu pescoço, proporcionando aos espectadores uma das imagens mais comoventes e melancólicas do filme.

Vindo para o ano de 2022, Aranoa convoca outra vez o brilhante ator Javier Bardem no filme *O Bom Patrão* para examinar de forma crítica o pensamento empresarial médio e nos trazer as tessituras que revestem a radiografia de um personagem corporativo facilmente encontrado em centros urbanos. Julio Blanco é o nome principal da trama, proprietário de uma empresa de balanças. Astutamente carregadas de sutilezas e detalhes visuais característicos das narrativas concebidas por Aranoa, as cenas em “Blanco” revelam um profundo inconformismo através de um simbolismo perspicaz. A presença irônica de uma balança decorativa constantemente desregulada na entrada da fábrica é emblemática, funcionando como um elemento intimidante que ameaça o sucesso da empresa na busca por mais um prêmio de excelência, que o protagonista insiste em exibir com orgulho em sua residência. A mensagem subjacente é clara: a necessidade imperativa de manter tudo em ordem, garantir a satisfação dos funcionários e projetar uma imagem de eficiência e equilíbrio na fábrica. A utilização do ícone da balança adiciona uma camada de significado ao enredo do filme, oferecendo um lembrete metafórico intrigante sobre as complexas manipulações que sustentam os fundamentos do sistema capitalista.

Assim como Ken Loach, que faz questão de evidenciar também os elementos visuais e verbais usados como forças motivadoras e singulares do cânone empresarial contemporâneo, Aranoa intenta explicitar em seus filmes esse mesmo artifício discursivo. No decorrer da história, tomadas de câmera vão apresentando frases de efeito escritas na parede com dizeres como “liberdade e igualdade” e, ironicamente, é o que menos se evidencia na rotina corporativa em questão. Uma “subjativação neoliberal” está em desenvolvimento por meio da circulação dos temas e vocabulários do mundo da gestão. No entanto, será que isso continua tão generalizante quando percebemos e, então, lamentamos sua onipresença nos modos de falar e pensar? É o que questionam Dardot e Laval (2016) ao conversarem com pessoas que trabalham em empresas, pois sabem como isso pode se tratar de remendo linguístico.

Assim como o enredo do britânico, Aranoa convoca a presença de membros do núcleo familiar como um ponto fulcral da trama, onde um funcionário recentemente demitido contesta sua dispensa convocando seus filhos pequenos para um ato de protesto em frente à fábrica. Já seu chefe de produção, por sua vez, tem cometido uma série de erros devido a conflitos conjugais com sua esposa. Em meio a esses ocorridos, um antigo operário de confiança solicita auxílio para salvar seu filho de um, à primeira vista, incontornável destino da delinquência. Diante de todos esses percalços, o patrão, no que lhe concerne, se empenha em ajudá-los, devido à necessidade de manter uma imagem admirável perante a um chamado e temido comitê. *O bom patrão* explicita o cinismo da classe dominante quando considera as razões dos empregados apenas para proteger os seus próprios interesses. Com a retórica de “Somos todos uma família?” e “Seus problemas são meus problemas”, Blanco manobra crises e evita

confrontos até que uma suposta e desejada premiação esteja garantida. No mesmo contexto, emergem correntes de pensamento caracterizadas por essa espécie de “cinismo”, bem mapeado e identificado por Sibilía (2023), que se alinha com os princípios neoliberais e as tendências autoritárias, as quais desconsideram os consensos tradicionais sobre o bem-estar coletivo e a democracia. Estas correntes advogam pelas liberdades individuais sob a ótica mercadológica, promovendo uma legitimação sem precedentes da violência explícita.

Para efetivar sua ajuda, é imprescindível que o patrão recorra a subterfúgios (e os chamados jeitinhos que não oriundos apenas da vida brasileira) em conexões privilegiadas com integrantes da polícia e do poder local. A postura pedante de Blanco se estende para sua vida pessoal e conjugal, visto que ele apresenta o costume de se relacionar de forma adúltera com estagiárias de sua empresa. Aqui convocamos Hegel (2013), quando afirmou que a exploração do trabalho é apenas um problema de uma consciência crítica, pois ela se dá e se constrói no embate das lutas em um determinado momento histórico, sendo que essa consciência crítica pode ser transformadora da condição social, desde que a consciência do homem determine seu papel e seu modo de ser no mundo, suas ações dentro das condições objetivas de uma respectiva sociedade. Desse modo, o indivíduo é um ser social em determinadas condições.

Assim como fizemos na análise da obra de Loach, convocamos novamente Huws (2019), quando preconizou que o sistema capitalista é, de fato, baseado na exploração do trabalho, mas o que lhe confere seu caráter é a maneira específica como o faz, não o fato da exploração em si. Tem-se um conceito crucial aqui para compreender a forma de exploração, peculiar ao capitalismo, que é o valor que é produzido por qualquer tipo de trabalho. É inegável que o trabalho possui uma centralidade na vida social e a própria noção de mundo que temos hoje é produto do trabalho humano, como uma realidade histórica construída coletivamente pelo homem (Marx; Engels, 2007) que é, nesse sentido, visto como um ser histórico, definido por sua capacidade de trabalho.

A sociologia do trabalho, ao proporcionar uma crítica das condições de trabalho e de exploração, esforça-se para atualizar seus efeitos deletérios sobre os indivíduos. Depois de se interessar pelo corpo, pela inteligência (o “capitalismo cognitivo”) – com a terciarização e a ascensão dos altos funcionários – e pela subjetividade dos trabalhadores (como alavanca de implicação, motivação e docilidade), o estudo das transformações organizacionais e de seus impactos, tanto individuais como coletivos, pode cada vez menos ignorar a dimensão afetiva. Baseadas na sociologia e na psicologia, algumas pesquisas indicam o custo descomunal dessa submissão dos trabalhadores aos sistemas produtivos e destacam os efeitos prejudiciais e, com frequência, dramáticos da organização do trabalho

e das formas contemporâneas de gestão sobre a produtividade de pessoas. As análises que abordam a intensificação do trabalho ou as reestruturações de empresas convergem para a constatação da importância dos efeitos patogênicos nos trabalhadores, por exemplo, pela presença de emoções penosas e pela expressão de uma “carga emocional”, o que aparece em basicamente toda a trama de Aranoa.

Podemos elencar como exemplo as representações vívidas do caos emocional apresentadas por Aranoa em seu filme, os sentimentos de precariedade experimentados pelos operários nas linhas de montagem, o temor das empregadas domésticas diante dos abusos de seus empregadores e, mais contemporâneo, o pânico enfrentado pelos motoristas de Uber diante da possibilidade de serem banidos ou penalizados pela empresa. Além disso, não podemos desconsiderar as questões relacionadas ao *burnout*, que têm se tornado cada vez mais recorrentes em meio ao contexto pandêmico que atravessamos.

Ferramentas essenciais para o trabalho, as emoções são, por seu turno, objeto de um trabalho: elaboradas, moldadas, para que o ofício seja cumprido da melhor maneira possível, mas também para preservar-se. O trabalho emocional (Hochschild, 1983), no sentido de *emotional labour*, refere-se ao trabalho realizado para produzir, transformar ou reprimir uma emoção a pedido de um empregador e sob seu controle. O conceito pode ser ampliado para incluir o trabalho emocional não esperado pelo empregador, embora indispensável para a realização do trabalho, em uma lógica produtiva e subjetiva (Jéantet, 2012). Além disso, se as emoções são, de modo inquestionável, meios, também são, por vezes, fins do trabalho. De fato, Hochschild (2011) considera as emoções como objetos produzidos pelo trabalho, que podem então ser vendidas em um mercado, sejam elas as do próprio trabalhador (amabilidade, subserviência etc.) ou as do cliente (se sentir estimado, tranquilizado, satisfeito) – às quais podemos acrescentar as dos colegas, superiores e subalternos. Segundo Hochschild (2013), estaríamos assistindo, em nossas sociedades terceirizadas, e aqui evidenciamos claramente a da obra de Aranoa, a uma “mercantilização das emoções”, ao advento de um “capitalismo emocional”. Essas expressões designam a ideia de uma sociedade em que o que costumava obedecer a uma lógica desinteressada está se aproximando cada vez mais da lógica mercantil, na qual as emoções seriam calculadas, medidas, planilhadas e não mais espontâneas.

Em *Les sentiments du capitalisme*, Illouz mostra a difusão da cultura “psi”, inclusive nas empresas, o que ela chama de “ethos comunicacional” (2009, p. 50), o que levaria os trabalhadores a abrirem mais espaço para as emoções. No entanto, uma vez que as emoções são convocadas para um uso estratégico, pode-se indagar qual seja o objeto de estudo de Illouz (2009): as emoções ou os discursos sobre as emoções? O fato de se falar mais

das emoções nas organizações não significa que estas possam ser expressas de forma mais livre. Além disso, as normas emocionais estipuladas nesses discursos, por mais que exerçam um poder coercitivo, costumam fracassar. E, além do mais, essas normas não bastam para dar conta das emoções de fato experimentadas. Nesse sentido, selecionamos o filme espanhol, no qual “O Bom Patrão” busca sem sombra de dúvida criar vínculos emocionais para atração e retenção de seus empregados.

Em uma última dimensão de análise, a obra de Aranoa se inscreve em um universo em que a economia está sob comando e hegemonia do capital financeiro, “as empresas buscam garantir seus altos lucros exigindo e transferindo aos trabalhadores e trabalhadoras a pressão pela maximização do tempo e pelas altas taxas de produtividade” (Antunes, 2022, p. 33). É pertinente observar que a informalidade não deve ser automaticamente associada à precariedade, mas sim interpretada com base em sua manifestação concreta, ou seja, sua ocorrência frequente e intensa. Nesse sentido, vê-se clara similitude com a precarização (Antunes, 2022, p. 75). Notamos também que, em novos contextos laborais, a hegemonia do capitalismo financeiro e a criação de um ambiente empresarial lastreado em uma cultura de competitividade dão margem à hipótese da emergência de uma sociedade incivil, onde mutações socioeconômicas desconstroem os laços representativos entre povo e Estado em benefício de formas tecnológicas mais abstratas de controle social (Sodré, 2021). Esse capitalismo financeiro e o poder da mídia são as bases práticas da mutação de um velho civilismo liberal. Já os desdobramentos sociais, políticos e culturais desse fenômeno são inquietantes por sua recorrente ameaça à estabilidade da democracia e das instituições em regiões diversas do mundo.

Por fim, convocamos Canclini (2021) para pensar a produção fílmica de Aranoa, uma vez que ela também nos ajuda a examinar essa situação a que chegamos, em que opiniões e comportamentos ficam subordinados a corporações globalizadas, e um processo de “descidadanização” se radicaliza, sobretudo por conta desse uso neoliberal das práticas de gestão de pessoas. Mas o pensador argentino nos lembra de que o fato de ainda votarmos é um sopro de esperança, e faz questão de enfatizar a democracia não como sistema político, mas como forma de vida e de tomada de decisões. Sua crítica sobre esse fenômeno se intensifica devido à adoção de práticas de gestão de pessoas permeadas pela lógica neoliberal, que enfatizam a maximização dos lucros e a flexibilização das relações de trabalho em detrimento dos direitos e bem-estar dos trabalhadores. Assim, Canclini (2021) destaca como a globalização econômica não apenas transforma as estruturas sociais, mas também molda os comportamentos individuais, exacerbando a submissão dos cidadãos aos imperativos do mercado e minando os valores democráticos e participativos da sociedade. Fazemos coro a essa provocação de Canclini como um movimento de resistência a cenários sombrios como esse que o enredo do filme de Aranoa esquadrinha.

PARA CONCLUIR

Ao analisarmos as obras cinematográficas *Você não estava aqui*, de Ken Loach, e *O bom patrão*, de Fernando León de Aranoa, à luz das perspectivas teóricas do Capitalismo de Plataforma e da sociologia do trabalho, torna-se evidente a representação contundente e crítica das complexidades contemporâneas do mundo do trabalho. Ambos os filmes exploram as nuances da precarização, da desregulamentação dos direitos trabalhistas e do trabalho emocional, oferecendo uma visão penetrante das consequências humanas das atuais formas de gestão do trabalho.

No contexto de *Você não estava aqui*, Ken Loach desvela a falsa ilusão da liberdade promovida pelo capitalismo de plataforma, destacando a exploração por trás da retórica empreendedora. O filme expõe como a tecnologia e os algoritmos intensificam o controle sobre os trabalhadores, subjugando suas vidas à lógica desumanizadora das plataformas digitais. A obra de Loach evidencia a urgência de questionar a narrativa da liberdade no contexto do trabalho contemporâneo e ressalta a necessidade de regulamentações que protejam os direitos dos trabalhadores. Interessante notar como esse diretor segue em sua jornada fílmica tocando em questões sensíveis do contemporâneo. Seu mais recente filme *The Old Oak* (ainda sem tradução no Brasil), apresenta uma exploração densa e introspectiva das lutas individuais e coletivas contra as injustiças sociais frente à grave crise migratória em países europeus, que não apenas não aceitam imigrantes de países pobres, como também os tratam com desprezo e retaliação. Loach mergulha nas vidas de seus personagens com uma sensibilidade única, retratando suas lutas diárias em meio a um ambiente cada vez mais hostil. Novamente, essa sua mais recente produção ressoa como uma poderosa crítica social e decerto nos instiga a produzir outros artigos sobre a trajetória desse tão necessário diretor britânico de cinema.

O bom patrão de Fernando León de Aranoa, de sua parte, revela o cinismo da liderança moderna sob a égide do capitalismo. O filme explora a manipulação da imagem empresarial, destacando como as empresas utilizam-se discursos de igualdade e liberdade, enquanto, na prática, priorizam seus próprios interesses. A trama expõe a dinâmica complexa entre patrões e empregados, revelando as estratégias cínicas adotadas para manter uma fachada de responsabilidade social. Aranoa critica a instrumentalização das emoções no ambiente de trabalho, sublinhando a mercantilização crescente das relações emocionais no contexto empresarial.

Ao unir as análises de ambos os filmes com teóricos como Antunes (2022), Hochschild (1975) Illouz (2009) e outros trazidos por nós para o debate, é possível construir uma compreensão mais profunda das transformações

contemporâneas no mundo do trabalho. A precarização, a desregulamentação e a exploração emocional emergem como elementos centrais que afetam as condições materiais, bem como a saúde emocional e a subjetividade dos trabalhadores. Em última análise, os filmes apresentam um apelo à reflexão sobre os impactos do sistema capitalista nas vidas das pessoas, incentivando uma discussão crítica sobre a necessidade de repensar as estruturas laborais e promover uma abordagem mais humanizada e equitativa no mundo do trabalho.

REFERÊNCIAS

- ABILIO, Ludmila. "Uberização como apropriação de um modo de vida periférico". In: GROHMANN, Rafael. *Os laboratórios do trabalho digital: entrevistas*. São Paulo: Editora Boitempo, 2022.
- ANTUNES, Ricardo. "Capitalismo de plataforma e desantropomorfização do trabalho". In: GROHMANN, Rafael. *Os laboratórios do trabalho digital: entrevistas*. São Paulo: Editora Boitempo, 2022.
- BRAVERMAN, Harry. *Labour and Monopoly Capital*. New York: Monthly Review Press, 1974.
- BUCCI, Eugênio. *A Super Indústria do Imaginário: como o capital transformou o olhar em trabalho e se apropriou de tudo que é visível*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- BURAWOY, Michael. *Manufacturing Consent*. University of Chicago Press, 1979.
- CANCLINI, Néstor. *Cidadãos substituídos por algoritmos*. São Paulo: Edusp, 2021.
- CASILLI, Antonio A. "Da classe virtual aos trabalhadores do clique: a transformação do trabalho em serviço na era das plataformas digitais". *Matrizes*, v. 14, 2020.
- _____, Antonio; POSADA, Julián. "The Platformization of Labor and Society". In: GRAHAM, Mark; DUTTON, William (org.). *Society and the Internet*. Oxford: OUP, 2019. p. 293-306.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.
- FIGARO, Roseli. "Não há trabalho sem comunicação". In: GROHMANN, Rafael. *Os laboratórios do trabalho digital: entrevistas*. São Paulo: Editora Boitempo, 2022.
- GRAHAM, Mark; ANWAR, Mohammad. The global gig economy: Towards a planetary labour market? *First Monday*, v. 24, n. 4, apr. 2019.
- JÉANTET, Aurélie. "Das emoções críticas: da crise à resistência". *Revista da ABET*, v. 17, n. 1, p. 60- 66, 2018.

HEGEL, G.W. F. *Fenomenologia do Espírito*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2013.

HOCHSCHILD, Arlie. "The Sociology of Feelings and Emotion: Selected Possibilities". In: MILLMAN, M.; KANTER, R. M. (eds.) *Another Voice. Feminist perspectives on social life and social science*. N.Y.: Anchor, 1975. Capítulo 10, p. 280-307.

HOCHSCHILD, Arlie. "Emotion Work, Feeling Rules, and Social Structure". *American Journal of Sociology*, v. 85, p. 551-575, 1979.

HUWS, Ursula. *Labour in Contemporary Capitalism. What Next?* London: Palgrave Macmillan, 2019.

ILLOUZ, Eva. Les sentiments du capitalisme. Paris: Seuil, 2006. Emotions, imagination and consumption: a new research agenda. *Journal of Consumer Culture*. The Autor(s), v. 9, n. 3, p. 377-413, nov. 2009.

KNIGHTS, David. "Subjectivity, Power and the Labour Process". In. KNIGHTS, David; WILLMOT, Hugh (eds.). *Labour Process Theory*. Londres: The MacMillan Press, 1990. Capítulo 10, p. 297-335.

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Coleção Os pensadores)

_____, Karl. *O capital – Crítica da economia política*. São Paulo: Boitempo, 2013. (Livro I: o processo de produção do capital.)

_____, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo; Boitempo, 2007.

PRASSL, J. *Humans as a service: The promise and perils of work in the gig economy*. Oxford, Inglaterra: Oxford University Press, 2018.

SIBILIA, P. Da hipocrisia aos cinismos: Transformações do "solo moral" nas democracias contemporâneas. *Revista Eco-Pós*, v. 26, n. 01, p. 324-348, 2023. <https://doi.org/10.29146/eco-ps.v26i01.28055>.

SRNICEK, Nick. *Platform capitalism*. Cambridge: Polity, 2017.

SODRÉ, Muniz. *Sociedade Incivil: Mídia, Iliberalismo e Finanças*. Petrópolis: Vozes, 2021.

VAN DIJCK, José; POELL, Thomas; DE WAAL, Martijn. *The Platform Society*. New York: Oxford, 2018.